



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
AGOSTO 2024

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Agosto 2024, 3

Importações, 7

Apêndice A – Agosto 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela VI – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela VII – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela IX – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela X – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela XII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XVI – Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIX – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XX – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Agosto 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela X – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XIV – Importações nordestinas por estado
- Tabela XV – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVI – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XVIII – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Pedro Henrique Ferreira Matos (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Editoração

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Desempenho do Comércio Exterior Baiano – Agosto 2024

As exportações baianas registraram desempenho positivo pelo segundo mês consecutivo, alcançando vendas de US\$ 944,6 milhões em agosto, com um crescimento de 9,3% sobre o mesmo mês do ano passado. O aumento das exportações ocorreu via aumento dos volumes embarcados, em 18,3%, principalmente de soja, celulose, algodão, derivados de cacau e café, já que houve queda nos preços médios em 7,6%, tendência que se acentuou no mês que se encerrou para a maior parte das *commodities* agrícolas, que registraram queda nas bolsas internacionais, apesar dos eventos climáticos adversos.

A agropecuária foi o setor que teve maior aumento de exportações, com alta de 22,7% frente a agosto de 2023, para US\$ 471,4 milhões. No mesmo período, as exportações da indústria de transformação também tiveram alta de 7,7%, a US\$ 364,6 milhões, enquanto que a indústria extrativa apontou recuo de 17,7%, atingindo vendas de aproximadamente US\$ 100 milhões.

Para os próximos meses, as exportações devem perder força tanto por conta de uma prevista desaceleração dos principais parceiros comerciais do estado, devido às incertezas econômicas, como também pela redução sazonal das exportações de soja, que devem diminuir mais no decorrer dos próximos meses, até o fim do ano, o que também vale para o algodão e o milho. Os preços dos grãos também estão em queda e sem força para subir, o que deve impactar as vendas externas.

Nos primeiros oito meses do ano, as exportações do estado atingiram US\$ 74 bilhões, um incremento de 5,5% em relação ao observado no mesmo período de 2023. As importações alcançaram US\$ 73 bilhões e aumento de 20,5%. Com esses resultados, o saldo comercial do estado no período foi de US\$ 88,1 milhões, 90,6% inferior ao mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio chegou a US\$ 14,7 bilhões, 12,5% superior a 2023.

A Cepal estima um crescimento médio de apenas 0,9% na América Latina no período 2015-2024, como resultado da baixa produtividade do trabalho, falta de investimentos e um espaço fiscal limitado para implementação de políticas macroeconômicas para reativação da economia, bem como pela incerteza global. Esse resultado é bem inferior ao crescimento médio da década de 1980, de 2%.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-ago. 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %
Exportações	7.006.386	7.395.212	5,55
Importações	6.065.958	7.307.106	20,46
Saldo	940.427	88.106	-90,63
Corrente de comércio	13.072.344	14.702.318	12,47

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 9 set 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A agência estima que a América do Sul pode crescer 1,5% este ano, uma leve queda em relação à alta de 1,6% em 2023, enquanto a América Central e o México devem expandir 2,2%, uma queda em relação ao crescimento de 3,2% registrado no ano passado. Já o Caribe, excluindo a Guiana, deve crescer 2,6%, frente aos 2,9% de 2023, de acordo com o relatório.

A perspectiva para este ano é de uma leve deterioração do balanço de pagamento da região, que deve ser negativo, equivalente a 1,7% do Produto Interno Bruto (PIB), em meio ao crescimento e comércio globais ainda frágeis e taxas de juros globais elevadas por mais tempo do que o esperado, resultando em um dólar mais forte, aponta a Cepal.

Além dos problemas internos, a região deverá sofrer com os impactos dos conflitos geopolíticos, provocando possíveis interrupções nas cadeias de suprimento globais e aumento no preço dos alimentos e consequentemente da inflação.

A desaceleração da atividade econômica na região nos primeiros meses de 2024 deveu-se principalmente a problemas internos de suas principais economias, como a diminuição do consumo privado na Argentina, a queda dos investimentos na Colômbia, a queda do consumo das famílias no Brasil e o declínio nas atividades de produção de alimentos no México devido ao clima, disse o relatório.

Para o Brasil, a agência prevê crescimento de 2,3% neste ano e 2,1% em 2025 – a piora se deve a condições climáticas desfavoráveis para a produção agrícola.

Somam-se aos fatores internos os desafios do cenário externo, onde a “combinação de tensões geopolíticas,

medidas restritivas comerciais, conflitos regionais, peso da dívida e crises setoriais” configuram um “cenário de elevada incerteza e risco” e podem impactar severamente a região.

Para superar essa armadilha do baixo crescimento e criar empregos de qualidade, os governos precisam articular políticas macroeconômicas e de desenvolvimento produtivo que estimulem o investimento e a produtividade, e permitam alcançar crescimento inclusivo e sustentável, aponta o relatório da Cepal, que também expressou preocupação com a estagnação dos níveis de investimento, que continuaram a diminuir em meio à fraca confiança no setor empresarial. Da mesma forma, destacou a desaceleração na criação de empregos como um dos principais desafios para uma expansão mais vigorosa da região.

Só no primeiro trimestre de 2024, a taxa de crescimento do número de pessoas ocupadas nas economias da América Latina e do Caribe diminuiu 1,9 ponto percentual em relação ao observado em igual período de 2023, o nível mais baixo registrado desde o primeiro trimestre de 2022. Segundo a entidade, esta última década foi a mais baixa em criação de empregos dos últimos 70 anos.

Enquanto, isso, as perspectivas econômicas voltaram a piorar para o maior parceiro comercial da Bahia e do Brasil. A deflação que persegue a China desde o ano passado está agora dando sinais de intensificação, ameaçando piorar as perspectivas para a segunda maior economia do mundo e gerando mais pedidos por uma ação política imediata.

Dados divulgados no início de setembro confirmam que, além dos custos dos alimentos, os preços ao consumidor mal subiram em grandes partes da economia, num momento em que a renda da população cai.

Uma medida mais ampla dos preços em toda a economia, conhecida como deflator do Produto Interno Bruto (PIB), provavelmente estenderá sua queda atual de cinco trimestres até 2025, segundo analistas privados. Se confirmado, seria a maior sequência de deflação na China desde que os dados começaram a ser compilados em 1993.

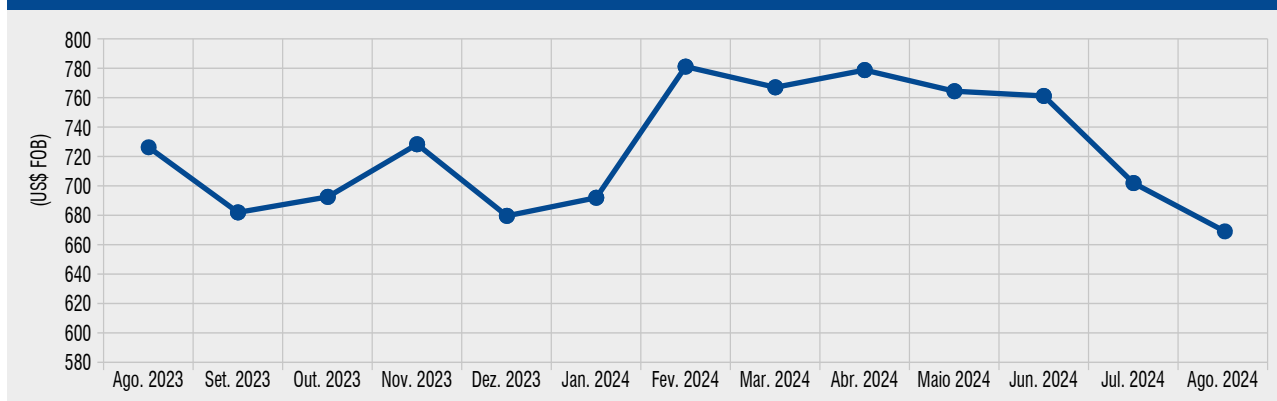
Analistas de bancos de investimento preveem que a China precisa gastar até 10 trilhões de yuans (US\$ 1,4 trilhão) em estímulos por dois anos para reflacionar a economia e retomar o crescimento sustentável diante da preocupação cada vez maior de que as pressões deflacionárias estejam criando raízes.

Em vista da longa desaceleração no setor imobiliário chinês, os consumidores reduziram os gastos e passaram a poupar mais. No segundo trimestre, a taxa de poupança do consumidor, ajustada sazonalmente, foi de 31%, segundo o Goldman Sachs.

A China tem como meta um crescimento real de 5% no Produto Interno Bruto (PIB) em 2024. No entanto, segundo economistas, as pressões deflacionárias afetam o crescimento nominal, que no segundo trimestre foi de 4% na comparação anual.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em agosto ficaram abaixo dos praticados em igual mês

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – 2023-2024



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 17 set. 2024.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

de 2023, interrompendo a tendência de alta registrada desde janeiro neste comparativo, já em arrefecimento desde julho. Eles tiveram recuo, na média, de 4,4% ante o mês imediatamente anterior, ficando também 7,5% abaixo quando comparados ao mesmo mês do ano anterior. No acumulado até agosto, no comparativo interanual, o aumento médio foi de 7,6%.

A forte depreciação do real, especialmente a partir de junho, mudou o cenário de rentabilidade para vários setores exportadores neste 2º semestre do ano. De janeiro a maio, a queda dos preços de produtos de exportação afetou o segmento, superando os efeitos da baixa dos custos de produção e a desvalorização do câmbio no período. De acordo com a Funcex, o índice de rentabilidade e das exportações recuou 2,3% no acumulado até maio. Já em junho, o índice subiu 4,4%.

O câmbio é o principal fator que tem feito a balança da rentabilidade voltar a se aproximar do azul. No primeiro semestre, a moeda americana acumulou valorização de 15,2% – apenas em junho, a alta foi de 6,5%. O cenário positivo de junho deve se estender e contaminar a análise para o acumulado do ano.

De acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de agosto de 2024, o volume de soja a ser colhido pelo estado pode alcançar 7,53 milhões de toneladas, o que corresponde a uma queda de 0,4% sobre o verificado em 2023. A área plantada com a oleaginosa no estado está projetada em aproximadamente 2,0 milhões de ha.

Após a produção recorde de grãos em 2023, tanto o IBGE como a Conab estimam uma produção menor de grãos na Bahia, em 2024, devido ao fenômeno El Niño, que afetou negativamente as condições climáticas, prejudicando algumas regiões produtoras no estado. Assim, destaca-se, entre os grãos, a queda da produção de soja, principal produto de exportação do estado.

As exportações do setor voltaram a crescer em agosto a US\$ 359,6 milhões, 25,2% acima do mesmo mês de 2023. O quantum também se elevou em 45,5%. Com a intensificação dos embarques em julho e agosto, no acumulado ano, agora apresenta crescimento das receitas em 1,2%, com um maior aumento do volume embarcado, em 19,8%. Já os preços médios permanecem em queda: 15,6%.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-ago. 2023/2024

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2023	2024			
Soja e derivados	1.840.162	1.861.237	1,15	25,17	-15,60
Petróleo e derivados	1.604.740	1.421.187	-11,44	19,22	11,46
Papel e celulose	800.932	998.218	24,63	13,50	18,01
Químicos e petroquímicos	703.696	590.877	-16,03	7,99	1,38
Algodão e seus subprodutos	185.750	488.156	162,80	6,60	3,98
Metais preciosos	430.904	471.960	9,53	6,38	164,73
Minerais	342.722	422.799	23,37	5,72	72,51
Café e especiarias	117.298	188.617	60,80	2,55	2,18
Metalúrgicos	254.224	151.619	-40,36	2,05	-39,88
Cacau e derivados	134.465	273.485	103,39	3,70	114,11
Borracha e suas obras	131.522	118.036	-10,25	1,60	8,33
Frutas e suas preparações	113.936	117.012	2,70	1,58	21,28
Calçados e suas partes	60.154	58.238	-3,18	0,79	14,72
Sisal e derivados	54.960	47.345	-13,85	0,64	2,53
Couros e peles	22.366	35.895	60,49	0,49	-27,64
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	12.390	33.973	174,20	0,46	11,75
Fumo e derivados	15.846	21.275	34,26	0,29	22,74
Carne e miudezas de aves	21.668	21.125	-2,51	0,29	0,73
Milho e derivados	100.091	5.553	-94,45	0,08	-20,76
Demais segmentos	39.438	48.714	23,52	0,66	-17,14
Total	7.006.384	7.395.212	5,55	100,00	7,59

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 set. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

No mês que se encerrou, a maior parte das *commodities* agrícolas registrou queda nas bolsas internacionais. Dentre elas, a soja. A tendência de recuo dos preços futuros da soja ganhou força diante das projeções cada vez mais otimistas para a colheita nos EUA. Com isso, os preços caíram abaixo de US\$ 10 em agosto na bolsa de Chicago, o que não ocorria há quase quatro anos.

Segundo o Valor Data, em agosto, os contratos de segunda posição da soja caíram 8,96%, para US\$ 9,8459 o bushel, na média. O desempenho foi influenciado pelo relatório de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), que estimou colheita de 124,9 milhões de toneladas de soja no país na safra 2024/2025, um recorde. O número ficou acima das 121,63 milhões (t) esperadas por analistas.

Os dados do USDA apenas reforçaram a percepção do mercado, já que o clima beneficiou o desenvolvimento da safra no país. Dúvidas sobre a demanda pela soja americana e fatores macro mantiveram os fundos de investimento na ponta de venda em Chicago, ou seja, apostando na queda das cotações.

Outro importante produto da safra baiana e das exportações agrícolas, o algodão (caroço e pluma), está com a produção estimada em 1,78 milhão de toneladas, o que representa aumento de 2,2% em relação ao ano passado, segundo o IBGE. A área plantada com a fibra aumentou 4,4%, alcançando 380 mil ha em relação à safra de 2023.

Já a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em seu décimo segundo levantamento, estimou que a produção de algodão deve ficar em 1,64 milhão de toneladas, plantado em 346 mil ha, o que representa um crescimento de 7,4% em relação ao ciclo 2022/2023. Ainda segundo a Conab, essa expansão do cultivo deve-se aos bons resultados obtidos na safra anterior e à expectativa do aumento do mercado internacional.

De fato, as vendas ao exterior do produto atingiram US\$ 488,1 milhões, 162,8% superior a igual período do ano passado. Os embarques somaram 263,1 milhões de toneladas, com crescimento de 152,7%. Os preços médios ainda acusam elevação de 4% no comparativo interanual até agosto. Nesta safra, a Bahia se consolidou como segundo estado em produção no país, atrás do Mato Grosso.

Após os resultados robustos na safra 2023/2024 do produto, a queda nas cotações da pluma no mercado internacional faz com que grandes produtores do setor considerem reduzir a área de plantio no próximo ciclo, o 2024/2025, que será semeado a partir de dezembro.

As empresas admitem incertezas em relação ao tamanho da área de plantio da próxima safra, diante da desvalorização da pluma na bolsa de Nova Iorque, que chega a 15% este ano. As cotações do algodão estão em queda no mercado internacional em função da ampla oferta e da demanda enfraquecida.

Os derivados de petróleo somaram, até agosto, receitas de US\$ 1,42 bilhão, representando um recuo de 11,4% no comparativo interanual. Em agosto, a queda chegou a 15,5%, enquanto que os preços médios ficaram 9,3% abaixo dos praticados em igual mês do ano passado.

O preço do petróleo Brent, referência no mercado, fechou em torno de US\$ 68 no início de setembro e atingiu o seu valor mais baixo desde dezembro de 2021. A queda ocorreu depois de um relatório mostrar que as importações de petróleo pela China ainda estão abaixo dos níveis de 2023 e também uma série de previsões pessimistas sobre a demanda pelo combustível fóssil em todo o mundo.

As importações da China diminuíram e a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) rebaixou sua previsão de crescimento da demanda de petróleo para 2024, assim como a AIE (Agência Internacional de Energia) também reduziu sua estimativa de demanda global para 2025.

O setor de papel e celulose vem registrando bom desempenho na pauta este ano, com vendas até agosto de US\$ 998,2 milhões e crescimento de 24,6%. Os preços estão em média 18% acima de igual período do ano passado, enquanto que o volume embarcado subiu 5,5%.

Assim como surpreenderam para cima no primeiro semestre, os preços da celulose de fibra curta podem voltar a ser motivo de surpresa no restante de 2024. Como era previsto, a entrada em operação do Projeto Cerrado, da Suzano, em julho, deu início a um movimento de correção das cotações da matéria-prima. Mas, ao contrário do que se viu nos ciclos mais recentes, é possível que a queda desta vez não seja tão íngreme.

Depois da nova fábrica da Suzano, em Ribas do Rio Pardo (MS), não haverá oferta adicional significativa de celulose ao menos até o fim de 2027. Ao mesmo tempo, a saída definitiva de capacidade produtiva do mercado, em particular na fibra longa, deve continuar, à medida que as fábricas instaladas no Hemisfério Norte continuam envelhecendo e seus custos de produção permanecem elevados.

Mantido o crescimento estrutural da demanda e sem um grande evento inesperado do lado do câmbio, não parece improvável que os preços da fibra passem por uma correção mais suave do que o inicialmente esperado.

Na última semana de agosto, o preço líquido da celulose de fibra curta na China, que é o principal mercado no mundo para a fibra e funciona como bússola para as demais regiões, estava em US\$ 622,44 por tonelada, queda de US\$ 1,20 em uma semana. Na revenda chinesa, a tonelada da matéria-prima era negociada pelo equivalente a US\$ 604,06, alta de US\$ 0,30 na mesma comparação.

O setor químico/petroquímico registrou, no acumulado até agosto, vendas de US\$ 590,9 milhões, 16% abaixo de igual período do ano passado. Os preços médios do segmento valorizaram-se 1,4% no comparativo interanual. O volume embarcado, por sua vez, encolheu 17,2% no período.

Se os desafios de competitividade enfrentados pela indústria química e petroquímica instalada no país persistirem no longo prazo, a Braskem vai reavaliar sua base local de ativos e poderá reduzir ou fechar capacidade produtiva, indicou o comando da companhia.

Além do pior ciclo de baixa vivido pelo setor globalmente, a indústria brasileira enfrenta dificuldades adicionais, relacionadas ao maior custo de matéria-prima e a custos estruturais mais elevados do que os vistos por produtores instalados em outras regiões.

As estatísticas atestam a perda de competitividade do produto nacional, em um momento de sobreoferta no mercado global. De acordo com o Relatório de Acompanhamento Conjuntural (RAC) da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), o índice de utilização da capacidade instalada no setor recuou a 58% em maio, o menor nível desde o início da série histórica, em 1990, e uma queda de sete pontos percentuais na comparação anual.

O Brasil tem assistido a um crescimento acentuado das importações de produtos químicos e petroquímicos, incluindo resinas termoplásticas, em meio ao excesso de oferta no mercado global e da adoção de medidas de defesa comercial por diferentes países, deslocando volumes adicionais para os mercados que ainda não se protegeram.

As importações, por outro lado, seguiram em alta em agosto, quando cresceram 22,8%, totalizando US\$ 765,8 milhões. As compras externas, que nos últimos meses mostram mais claramente aceleração acima do esperado, principalmente de bens intermediários (28,5%) e combustíveis (22%), permanecem em alta bem acima das exportações, mesmo considerando o câmbio desfavorável. Esse comportamento se deve tanto pela redução de preços como pelo maior ritmo atividade interna refletida no aumento do volume de compras que cresceu 29,7% no mês passado.

No acumulado até agosto, as importações atingiram US\$ 7,31 bilhões, com crescimento de 20,5%, quatro vezes o incremento verificado nas exportações no mesmo período.

A categoria responsável pelo crescimento atípico são os combustíveis e lubrificantes, com compras de US\$ 3,19 bilhões e aumento de 69,4% no comparativo interanual. As compras desse setor representaram 43,7% do total das compras externas do estado no período e são compostas basicamente por petróleo cru, nafta e gás (GNL).

Mesmo considerando a redução das cotações de bens intermediários e de consumo, os volumes comprados do exterior devem continuar positivos, beneficiados pelo aquecimento da demanda interna. O maior consumo relacionado com o aumento da renda e da produção interna tem impulsionado a produção industrial, que teve incremento de 2,4%, o varejo com alta de 9,1% e o setor de serviços com crescimento de 0,8%, todos referentes ao primeiro semestre de 2024, no comparativo anual, influenciados pela continuidade do aumento da massa de renda e da melhora das condições financeiras das famílias.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-ago. 2023/2024

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	3.749.752	3.703.419	-1,24	50,68
Combustíveis e lubrificantes	1.884.798	3.192.015	69,36	43,68
Bens de capital (BK)	335.023	307.653	-8,17	4,21
Bens de consumo (BC)	95.392	103.107	8,09	1,41
Bens não especificados anteriormente	993	911	-8,25	0,01
Total	6.065.958	7.307.106	20,46	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 set. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

